

EXPERIÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO A POPULAÇÃO LGBTQIAPN+

DÉBORA GIOVANA DE AVILA DA ROSA¹; TAINÃ DUTRA VALÉRIO²; ELAINE THUMÉ³

¹*Universidade Federal de Pelotas – debora03giovana@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – tainavalerio@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – elainethume@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A luta por direitos das minorias sexuais e de gênero começou a partir do movimento feminista, nos anos 70, quando se concluiu que gênero e sexualidade são importantes determinantes sociais em saúde. Em 2011 o Ministério da Saúde criou a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - LGBT (BRASIL, 2011). A discussão é recente e outras siglas foram adicionadas, atualmente a sigla é LGBTQIAPN+.

Devido aos estigmas, preconceitos e violência, o acesso à atenção primária à saúde (APS) é marcado por barreiras, influenciando no processo saúde/doença e na baixa expectativa de vida (COLLING, 2018; COSTA-VAL *et al*, 2021). Nesse cenário, a unidade básica de saúde (UBS) se faz protagonista pois é a porta de entrada da APS e a equipe de enfermagem é responsável pelo primeiro contato de modo a aproximar os usuários da equipe ou repeli-lo. Começando pelo uso do nome social já no acolhimento, como forma de criar vínculo com o usuário, para então realizar a sistematização da assistência de enfermagem voltada às suas reais necessidades.

O despreparo dos profissionais e preconceito faz com que a população LGBTQIAPN+ adeque-se ao padrão heteronormativo, e consequentemente suas necessidades não serão atendidas, gerando frustração, ansiedade e isolamento (SANTOS; SILVA; FERREIRA, 2019). Este grupo possui maior risco de exposição a substâncias psicoativas e ISTs, além de estarem propensos a obesidade, doenças crônicas, diversos tipos de câncer e sintomas depressivos (HAFEEZ *et al*, 2017).

Portanto, ao estudar as necessidades específicas desta população é importante incluir os fatores socioeconômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais (BUSS; FILHO, 2007) pois influenciam a ocorrência de problemas de saúde, a maioria com possibilidade de resolutividade na APS. A escolha desta temática se dá pela vulnerabilidade a qual minorias sexuais e de gênero estão expostas e, visto a crescente discussão acadêmica sobre as suas necessidades, é de suma importância explorar a experiência dos profissionais da enfermagem sobre o atendimento à população LGBTQIAPN+ nos serviços da APS. O objetivo é investigar o conhecimento dos profissionais sobre o movimento LGBTQIAPN+ e o uso do nome social, assim como caracterizar o processo de trabalho dos profissionais de enfermagem acerca do atendimento a este grupo e verificar a oferta de espaços para discutir o tema nas atividades de educação permanente e continuada, e educação em saúde.

2. METODOLOGIA

O estudo possui abordagem qualitativa, com entrevista semi-estruturada e amostra por conveniência. Este modelo de entrevista não apresenta rigidez nas

respostas, permitindo que novos questionamentos surjam a partir de um roteiro previamente estabelecido (MANZINI, 2004). O roteiro foi dividido em dois blocos, o primeiro sobre informações do profissional e o segundo sobre conhecimentos e práticas de trabalho.

As entrevistas foram realizadas em quatro UBS vinculadas à Universidade Federal de Pelotas, situadas na zona urbana de Pelotas, RS, sendo elas: UBS Areal Leste, Centro Social Urbano do Areal, UBS Obelisco e a UBS Vila Municipal. Ao todo foram entrevistados nove profissionais da equipe de enfermagem, atuantes na APS no RS há no mínimo oito meses, devidamente regularizados. A coleta de dados ocorreu durante o mês de maio/2024. O estudo obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPel, sob o parecer número 6.779.982, e os profissionais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos nove entrevistados (cinco enfermeiros, três técnicos e um auxiliar), oito são mulheres, o que vai de acordo com a literatura, já que historicamente a enfermagem é majoritariamente composta por mulheres (MACHADO, 2017). Todos os entrevistados se identificaram como cisgênero e heterossexual, com idade entre 39 e 60 anos e tempo de atuação na APS entre oito meses e 22 anos. Quatro dos enfermeiros possuem mestrado e/ou especialização em Saúde Mental e Saúde da Família. Dois técnicos possuem formação prévia como auxiliar de enfermagem e graduação em enfermagem, e uma está cursando o bacharelado. Ao total o tempo de formação variou de oito a 26 anos.

Sobre as questões sensíveis a população LGBTQIAPN+ todos os profissionais afirmaram que a abordagem foi superficial ou inexistente no ambiente acadêmico e nas atividades de educação permanente. Sendo que dois deles referiram lembrar vagamente desta temática na cadeira de saúde mental ou no manejo de usuários com ISTs, especialmente HIV. Esta realidade é evidenciada pela literatura, já que a saúde das minorias sexuais e de gênero é frequentemente relacionada a ISTs (BITTENCOURT; FONSECA; SEGUNDO, 2014). Além disso, foi somente em 1990 que a homossexualidade foi retirada da Classificação Internacional de Doenças, e em 1999 o Conselho Federal de Psicologia proibiu a utilização de abordagens de readequação sexual (COLLING, 2018).

Com relação ao conhecimento dos profissionais sobre a história e o significado da sigla LGBTQIAPN+, apenas dois conseguiram abordar a história e identificar parcialmente os grupos, indo até “LGBT”. Os demais tiveram respostas divergentes, sabendo parcialmente a história e não a sigla ou o contrário, representando a lacuna no conhecimento.

Quanto ao acolhimento e atendimento, seis profissionais referem que as unidades fazem uso do nome social, porém outros três desconhecem se o mesmo é utilizado e não têm experiência prévia de acolhimento a esta população. Outro ainda diz que os usuários optam por não utilizar o nome social. Sobre o atendimento, relatam que o foco da consulta é a queixa principal e não se aprofundam em outras questões da vida do usuário, principalmente de gênero e sexualidade pois “não é pertinente ao tratamento”. Acrescentam que só questionam quando é algo relacionado aos testes contra ISTs. Na maioria das vezes optam por observar os trejeitos ou a estética do paciente para deduzirem sua orientação sexual e identidade de gênero.

A maior demanda identificada pelos profissionais é relacionada a sintomas de depressão e ansiedade na população jovem, busca por testes rápidos, exame citopatológico e a inspeção das mamas nos adultos. Além da procura de homens trans por anticoncepcional injetável. A maioria dos profissionais referiu que atuar com a população LGBTQIAPN+ é “normal, como qualquer outra pessoa”. Contudo, sabe-se que essa fala é carregada de invisibilização, pois insinua que todas as pessoas têm os mesmos problemas e necessidades, o que vai contra ao atendimento integral e individualizado que preconiza o SUS (CIASCA; HERCOWITZ; JUNIOR, 2021). Também foram encontradas falas carregadas de preconceito como “eu atendo, mas não gostaria que tivessem casos na minha família” e “ah eu tenho filhos né, a gente se preocupa com o exemplo que eles têm na Internet”.

Sobre a anamnese e exame físico, a maioria dos profissionais consideram importante atentar para sinais de violência, vulnerabilidade, questionar sobre rede de apoio, autoestima, uso de hormônios e/ou procedimentos, exposição a ISTs e saúde mental, destacando a importância do acompanhamento psicológico em todas as fases da vida. Contudo, expressam que não há muito empenho dos gestores para que esta temática seja debatida em capacitações ou em educação em saúde para a população.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que a equipe de enfermagem possui um conhecimento incipiente, ainda com atitudes e falas carregadas de estigmas, preconceitos e invisibilização de suas necessidades. O nome social dos usuários não é amplamente respeitado. Contudo, os profissionais indicaram a ausência de formação para o atendimento das necessidades específicas à população LGBTQIAPN+ e apresentam preocupações que indicam potencial de melhoria no atendimento. Portanto, com este trabalho é possível identificar as lacunas no conhecimento da equipe de enfermagem sobre a temática, que poderiam ser minimizadas com a implementação de capacitações sobre a saúde da população LGBTQIAPN+ pelos gestores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT). Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836_01_12_2011.html. Acesso em: 28 set. 2024.

BITTENCOURT, Danielle; FONSECA, Vanessa; SEGUNDO, Márcio. Acesso da população LGBT moradora de favelas aos serviços públicos de saúde: entraves, silêncios e perspectivas. **Conexões PSI**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 60-85, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://promundo.org.br/wp-content/uploads/2014/12/229105408.pdf>. Acesso em: 28 set. 2024.

BUSS, Paulo Marchiori; FILHO, Alberto Pellegrini. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 01, p. 77-93,

fev./mar. 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/#> . Acesso em: 28 set. 2024.

CIASCA, Saulo Vito; HERCOWITZ, Andrea; JUNIOR, Ademir Lopes. Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado interdisciplinar. 1. ed. Santana de Paraíba: Manole, 2021. 1529 p. ISBN 9786555764857. Ebook.

COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, 2018. E-book. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30887/1/eBook%20-%20Genero%20e%20Sexualidade%20na%20Atualidade.pdf> . Acesso em: 28 set. 2024.

COSTA-VAL, Alexandre *et al.* O cuidado da população LGBT na perspectiva de profissionais da atenção primária à saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 02, p. 01-21, abr./jul. 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/physis/a/DsNnpXhPn7WrvGXDFXvMXvx/>. Acesso em: 28 set. 2024.

HAFEEZ, Hudaisa *et al.* Health Care Disparities Among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth: A Literature Review. **Cureus**, San Francisco, v. 09, n. 04, 2017, p. 1-7. Disponível em:
<https://www.cureus.com/articles/6744-health-care-disparities-among-lesbian-gay-bisexual-and-transgender-youth-a-literature-review#!/> . Acesso em: 28 set. 2024.

MACHADO, Maria Helena (Coord.). **Perfil da enfermagem no Brasil**: relatório final: Brasil / coordenado por Maria Helena Machado. — Rio de Janeiro : NERHUS - DAPS -ENSP/Fiocruz, 2017. 748 p. Disponível em:
<https://biblioteca.cofen.gov.br/perfil-da-enfermagem-no-brasil/> . Acesso em: 27 set. 2024.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, Bauru, v. 02, p. 10, 2004. Disponível em:
https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf . Acesso em: 28 set. 2024.

MATTA, Gustavo Corrêa. **Princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde**. In: MATTA, Gustavo Corrêa; PONTES, Ana Lucia de Moura (Org.). Políticas de saúde: organização e operacionalização do Sistema Único de Saúde. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ, 2007. p. 61-80. Disponível em:
<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/39223>. Acesso em: 28 set. 2024.

SANTOS, Juliana Spinula dos; SILVA, Rodrigo Nogueira da; FERREIRA, Márcia de Assunção. Saúde da população LGBTQI+ na Atenção Primária à Saúde e a inserção da Enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 23, n. 04, p. 01-06, mai./jul. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/dzYKmCyv3MTJN3ZXVRN75Kg/?lang=pt#> . Acesso em: 17 nov. 2023.